

Chick Lit: A cultura de massa e a obsessiva busca pelo amor¹

Marcela de Lima Ferreira²

Carla Patrícia Pacheco Teixeira³

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Os *chick lits*, apesar do termo inicialmente ser pejorativo, tornou-se um dos gêneros mais aclamados do mundo e vem conquistando mulheres por toda a parte. Este trabalho tem como objetivo analisar o amor e a busca pelo príncipe encantado como táticas utilizadas pelos autores para fazer as leitoras se identificarem com suas criações e pela cultura de massa para fazer as vendas da literatura cor de rosa aumentarem. Para alcançar esta meta, foram escolhidos os livros *O Noivo da Minha Melhor Amiga* e *Presentes da Vida*, da autora Emily Giffin. Para fazer a análise, foram usados os autores Clarissa Pinkola Estés (1999) e sua obra que estuda a mulher selvagem, e os teóricos Edgar Morin (2005) e Theodor Adorno (2002), que analisam a obra com relação à indústria cultural.

Palavras-chave

Chick lit; conto de fadas; príncipe encantado moderno; amor; indústria cultural; cultura de massa

Era uma vez...

Na década de 1980, mais precisamente em 1988, surgia o termo *chick lit*. Ele era usado pelos alunos da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, para descrever as aulas sobre literatura feminina. *Chick* significa “mulherzinha” e *Lit* é a abreviação da palavra “literatura” (HARZEWSKI, 2011). A expressão, um tanto pejorativa, tornou-se um dos gêneros mais aclamados e vendidos atualmente no mundo inteiro.

Este tipo de literatura geralmente tem como protagonistas mulheres de 14 a 40 anos de idade e a maioria possui histórias fascinantes, personalidades fortes e características marcantes. Além disso, há mocinhos sendo retratados como príncipes encantados contemporâneos em vidas repletas de agitação.

¹ Trabalho apresentado no II 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Recém graduada em jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco, possui graduação em Publicidade também pela Universidade Católica de Pernambuco.

³ Doutoranda em Design pela Universidade Federal de Pernambuco, professora assistente II dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Jogos Digitais da Universidade Católica de Pernambuco e orientadora do trabalho.

O *chick lit* se divide em subgêneros que determinam o tema de cada um dos livros. Julianna Steffens⁴, do site brasileiro *Lost In Chick Lit*, que se tornou uma referência na literatura cor de rosa, listou alguns deles baseada em sua pesquisa sobre o assunto, apresentados na tabela abaixo:

Subgênero	Tema	Exemplo
Mom Lit	Possui temáticas voltadas para a maternidade, desde a gestação até problemas com os filhos.	Não Sei Como Ela Consegue, de Allison Pearson
Teen Chick Lit	A vida dos adolescentes retratada em todos os aspectos, desde a escola até o primeiro amor.	O Diário da Princesa, série de livros de Meg Cabot
Lad Lit	Escrito por homens e revelar o ponto de vista masculino sobre aspectos que permeiam a vida das mulheres, como amor e trabalho.	Desculpa Se Te Chamo de Amor, de Federico Moccia
Glamour Lit	Tem como protagonistas mulheres ligadas à moda, glamourosas e às vezes, esnobes.	Gossip Girl, de Cecily Von Ziegesar,
Mystery Lit ou Thriller Lit	Encontro da literatura cor de rosa com elementos de suspense e mistério	Crepúsculo, de Stephanie Meyer
Wedding Lit	Retrata as histórias das noivas, madrinhas, preparativos, dramas e incertezas do casamento e a grande festa de celebração do amor.	O Noivo da Minha Melhor Amiga e Presentes da Vida, de Emily Giffin
Hen Lit	Tem como protagonistas mulheres maduras, com problemas com o casamento e filhos.	A Terra Tremeu?, de Carmen Reid
Single City Girl Lit	Conta as histórias das garotas solteiras em grandes cidades, os seus sonhos, desejos e também consumismo.	Sex and the City, de Candace Bushnell
Bigger Girl Lit	Retrata os dilemas da mulher que está acima do peso.	O Diário de Bridget Jones, de Helen Fielding
Fantasy Lit	A literatura que tem como personagens fadas, bruxas, vampiros, viajantes do tempo.	A Mediadora, de Meg Cabot
Working Girl Lit	As personagens são focadas na carreira, visando um futuro promissor no trabalho.	O Diabo Veste Prada, de Lauren Weisberger
Ethnic Lit	Traz histórias centradas nas diferentes culturas e religiões.	Memórias de uma Gueixa, de Arthur Golden
Historial Lit	As protagonistas vivem em determinado período histórico e superam as dificuldades impostas pela época.	Pode Beijar a Noiva, de Meg Cabot, que assina seus romances de época com o pseudônimo Patricia Cabot

⁴ Julianna Steffens nasceu em Florianópolis, formou-se em Geografia, mas sempre gostou de literatura, o que a fez criar o *Lost In Chick Lit*, no ar desde 2008. O site foi pioneiro quando tratou do tema no Brasil, fazendo de Juliana uma referência no assunto.

Christian Chick Lit ou Church Lit	Vertente espiritual do <i>chick lit</i> , quando as protagonistas são ligadas a uma religião ou tem um contato com o divino.	Unconditional, de Tanya Eavenson
-----------------------------------	--	----------------------------------

A escritora inglesa Jane Austen pode ser considerada a pioneira nesta área. Autora de clássicos da literatura, Austen construiu mocinhos lembrados até os dias de hoje. George Knightley, Edward Ferras, Edmund Bertram, Henry Tilney e Frederick Wentworth, das obras *Emma*, *Razão e Sensibilidade*, *Palácio de Ilusões*, *A Abadia de Northanger* e *Persuasão*, respectivamente, conquistaram os corações femininos. No entanto, é Fitzwilliam Darcy, um homem sério, inteligente, rico e de bom coração, protagonista de *Orgulho e Preconceito*, romance publicado há mais de 200 anos, o personagem mais lembrado até hoje.

A magia do príncipe encantado

O maior objetivo da indústria é o lucro, por esse motivo, ela se difunde nas economias capitalistas, encontrando nela o seu maior aliado. Nada que esteja fora dos padrões de vendagem se encaixa, e a literatura não é uma exceção.

Os clichês seriam causados pelas necessidades dos consumidores: por isso seriam aceitos sem oposição. Na realidade, é por causa desse círculo de manipulações e necessidades derivadas que a unidade do sistema torna-se cada vez mais impermeável (ADORNO, 2002 p. 6).

Essa necessidade dos consumidores é produzida justamente pela indústria, que cria uma falsa conveniência do produto exposto para venda. Provavelmente a pessoa não quer ou precisa daquilo que está sendo oferecido, porém a publicidade o seduz e o convence do contrário.

Com esta fácil aceitação dos clichês por parte das pessoas, a indústria se vê livre para produzir e vender o que lhe garantir mais lucros, em uma fórmula de sucesso que não oferece motivos para mudanças. Com relação aos *chick lits*, é possível afirmar que após o sucesso da obra de Helen Fielding, *O Diário de Bridget Jones* (1996), o número de títulos cor de rosa aumentou significativamente. Certamente, a indústria percebeu as possibilidades de lucro do segmento, investindo maciçamente para que o gênero desse certo. E deu. Depois de Fielding, autoras como Sophie Kinsella, Meg Cabot, Jill Mansell e Emily Giffin surgiram e consolidaram os *chick lits*. O Brasil não ficou atrás dessa onda e, apesar de suas autoras serem menos conhecidas, escritoras como Paula Pimenta, Carol Sabar e Carina Rissi já colecionam fãs por todo o país.

Para analisar a questão do “felizes para sempre”, foram escolhidas as obras *O Noivo da Minha Melhor Amiga* (2005) e *Presentes da Vida* (2011), da autora americana Emily Giffin.

A incessante busca pelo amor é, na maioria das vezes, o protagonista da literatura cor de rosa. Nas histórias, as mocinhas ainda vivem à procura dos seus príncipes encantados, embora tenham conquistado um bom emprego, morem em uma bela casa e tenham bons amigos. Nada parece ser suficiente se não existe um homem bonito, interessante e atencioso ao lado delas.

Para causar além de identificação com os leitores, os autores de *chick lits* usam do humor para criar certa empatia e divertimento. Essa diversão é, segundo Adorno (2002), uma maneira de se obter poder. O autor afirma que a indústria cultural usa o riso como estratégia de imitar a felicidade, criando uma ilusão ao consumidor, tornando-o um “objeto da indústria cultural” (ADORNO, 2002, p. 23).

A fusão atual da cultura e do entretenimento não se realiza apenas como depravação daquela, mas sim como espiritualização forçada deste. É o que se vê já pelo fato de a diversão ser apresentada apenas como reprodução; cinefotografia ou audição de rádio (ADORNO, 2002 p. 24).

O trecho destacado comenta especificamente sobre cinema e rádio, mas pode ser facilmente encaixado no gênero *chick lit*. Provavelmente seu caráter humorístico, com histórias cotidianas em cenários fantasiosos, garantem boas doses de risos aos seus leitores. Neste caso, para Adorno, divertir significa impedir a pessoa de pensar. O divertimento serve apenas como fuga de uma realidade, como tática para driblar o que realmente deve ser refletido.

Em ambos os livros, *O Noivo da Minha Melhor Amiga* (2005) e *Presentes da Vida* (2011), a carga humorística está presente, embora sem tanta intensidade. A leitura é leve e rápida, de linguagem simples e referências culturais da atualidade.

Darcy folheia o livro até finalmente se cansar dele, deixá-lo de lado e retomar o controle da TV. Ela encontra Harry e Sally, feitos um para o outro e dá um gritinho.
- Está começando agora! Oba!

[...] Darcy sempre fala alto, recitando as partes que sabe de cor. Não peço para ela ficar quieta nem uma vez. Porque embora ela diga que isso irrita Dex, eu não me importo, nem quando ela erra levemente uma fala de Meg Ryan. Essa é a Darcy. É isso que ela faz. Às vezes, a mesmice de uma amiga é o que você mais gosta nela (GIFFIN, 2005 p. 253).

Além do divertimento proporcionado pelo livro, ele ainda relembra o filme *Harry e Sally: feitos um para o outro*, um clássico dos anos 1980, considerado um dos *chick flicks* mais exaltados do mundo. Provavelmente a indústria cultural pensa da mesma maneira que Rachel sobre Darcy: às vezes, a mesmice é o que você mais gosta em um produto.

(...) o amor é muito mais que amor. É o fundamento nuclear da existência, segundo a ética do individualismo privado. É a aventura justificadora da vida – é o encontro de seu próprio destino: amar é ser verdadeiramente, é comunicar-se verdadeiramente com o outro, é conhecer a intensidade e a plenitude (MORIN, 2005 p. 135).

O amor é o tema recorrente dos *chick lits*. Geralmente as histórias trazem protagonistas apaixonadas por homens incríveis, os chamados “príncipes encantados contemporâneos”, ou seja, imperfeitos, falhos, mas que mesmo assim “salvam” suas mocinhas com o poder do amor. Em *Presentes da Vida* (2011), Darcy não parece compartilhar desse sentimento até ir a Londres e viver com o amigo de infância, Ethan Ainsley, e a amizade se transformar em amor:

Ethan se aproximou, o seu rosto ficou encostado no meu enquanto ele me envolvia com seus braços. Nesse abraço simples, mas significativo, uma verdade foi confirmada no meu coração: eu estava apaixonada por Ethan (GIFFIN, 2011 p. 336).

Os “príncipes encantados modernos” podem ser considerados um dos elementos da fórmula do sucesso da literatura cor de rosa. Bonitos, educados e interessados nos assuntos das mocinhas, eles saíram da perfeição dos antigos heróis para se transformar em homens mais críveis. O amor devotado às protagonistas assume variadas formas e é digno dos contos de fadas.

Quando a mulher selvagem encontra seu príncipe encantado

Clarissa Pinkola Estés (1999) faz uma reflexão sobre a natureza das mulheres ao indicar que ela é dual. Ou seja, toda mulher tem um ser exterior e uma criatura interior, a face facilmente observada por meio de sua cultura, pragmatismo e humanidade. E um lado mais sombrio, oculto, que costuma ser sagaz, singular e inusitado. A mais compreensível é como a mulher se apresenta aos outros, ou seja, como ela quer se mostrar, como ela quer ser vista aos olhos das pessoas.

A criatura sombria é possivelmente a “mulher selvagem”, a mulher em sua essência, a mulher que segue seus instintos e não tem medo de ousar. A dualidade pode ser vista como o formal versus o informal, o impessoal versus o pessoal. Nas obras *O Noivo da Minha Melhor Amiga* (2005) e *Presentes da Vida* (2011), é visível essa dualidade. Enquanto o ser

exterior de Rachel é correto e implacável, sua criatura interior é apaixonada e muito ousada, principalmente por manter uma relação com o noivo de sua amiga. Já Darcy tem um exterior alegre e descontraído enquanto seu interior é visceral e imprevisível.

O “homem selvagem”, que enxerga as naturezas duais das mulheres, pode se encaixar no conceito de “príncipe encantado contemporâneo”. Os protagonistas masculinos das obras aqui apresentadas mostraram-se ideais para as mocinhas da narrativa. Dex Thaler e Ethan Ainsley, como todo protagonista masculino dos *chick lits*, tem falhas e tomam atitudes questionáveis, mas é justamente por isso que podem ser considerados príncipes modernos, por serem mais plausíveis. Eles são os “homens selvagens” de Rachel e Darcy, por se permitirem serem perturbados pelas almas primitivas de suas amadas.

Quando Dex resolveu cancelar seu casamento com Darcy, ele se tornou o homem perfeito para Rachel:

-Durante o tempo em que você esteve fora, quase enlouqueci. Tive tanta saudade de você. Tinha saudade do seu rosto, do seu cheiro, até do seu apartamento. Não conseguia parar de repassar tudo na minha cabeça. Todo o nosso tempo juntos, todas as nossas conversas. O curso de Direito. O seu aniversário. O Quatro de Julho. Tudo, E simplesmente não consegui imaginar que nunca mais estaria com você. É simples assim (GIFFIN, 2005 p. 317).

Ethan assume ainda mais essa compreensão da natureza feminina, confirmando ser um “príncipe encantado contemporâneo”:

- Nossos pais, às vezes, podem nos desapontar – disse ele. – Você só precisa ser uma mãe melhor para os seus filhos. Eu sei que você será.
- Como você sabe disso?
- Porque, Darcy, você mostrou as suas cores verdadeiras nos últimos meses. Eu assoei o meu nariz de novo.
- O que você quer dizer com “cores verdadeiras”?
Eu quero dizer... Que você é uma boa pessoa. – Ethan tocou o meu braço gentilmente. – Uma pessoa forte. E você será uma mãe maravilhosa.
Por muitos anos, eu tinha recebido inúmeros elogios de muitos homens e palavras que enchem o meu ego. “Você é linda”; “Você é sexy”; “Você é incrível”; “Eu quero você”; “Casa comigo”. Mas esse elogio foi a coisa mais legal que eu já ouvira de um homem (GIFFIN, 2011 p. 312).

O trecho destacado mostra a compreensão de Ethan das naturezas duais de Darcy, chamando-as de “cores verdadeiras”. A protagonista, por sua vez, ficou encantada com a percepção do amado, dando a entender ter sido ele o único a enxergar tal dualidade, fazendo do mocinho seu príncipe moderno.

Vida-morte-vida

Estés (1999) destrincha o amor quando fala do conto da mulher-esqueleto. Assim como os lobos, cujos vínculos afetivos ultrapassam invernos, discórdias e longas caminhadas, os seres humanos também enfrentam dificuldades em suas vidas amorosas. O ciclo denominado por Estés (1999) de vida-morte-vida traz o conceito de renovação do ser humano. A lenda na qual se baseia para criar este arquétipo é o da mulher-esqueleto, que fala sobre o amor como ele é visto nas histórias do norte, e não apenas um encontro romântico entre duas pessoas. Aqui, o amor é uma comunicação de almas, um sentimento mais profundo e duradouro, e “a participação no destino como uma dança com a vida e a morte” (ESTÉS, 1999. 167).

A mulher-esqueleto proporciona um amor real, com inícios e finais, criando renovações. Estés (1999) propõe encarar a morte e a vida não como opostos, mas como bons aliados, pois nos relacionamentos existem muitos finais capazes de se transformar em um novo começo.

Em *O Noivo da Minha Melhor Amiga* (2005), Rachel decide, depois de muitas tentativas, terminar seu confuso relacionamento com Dex, afirmando que ele deve escolher entre ficar com ela ou levar adiante seu casamento com Darcy.

- Quero ficar com você, Dex – digo com firmeza. – Cancele o casamento, fique comigo.

Aí está. Depois de dois meses de espera, depois de uma vida inteira de passividade, as cartas estão na mesa. Sinto-me aliviada, liberada, modificada. Sou uma mulher que quer ser feliz. Eu mereço a felicidade. Certamente, ele vai me fazer feliz (GIFFIN, 2005 p. 278).

Este trecho mostra a importância da mulher-esqueleto na vida de Rachel e Dex, enfatizando a morte como recomeço, como os novos ares da relação. Para conseguir viver plenamente seu amor pelo noivo de sua amiga, a protagonista tomou uma atitude e “provocou” uma morte necessária, comprovando a teoria de Estés (1999). No livro seguinte, *Presentes da Vida* (2011), é a vez de Darcy mudar o rumo do seu relacionamento com Ethan e buscar renovação. Depois dele expressar tudo o que sentia pela amiga, chamando-a de egoísta, mimada e competitiva, Darcy entendeu que seu comportamento servia apenas para destruir suas relações com quem amava. Desta maneira, resolveu mudar, “matando” a antiga Darcy em prol de uma nova mais sensata e coerente no amor:

Olhei a triste manhã londrina pelas barras da janela e jurei que este dia, o dia em que eu senti o meu bebê mexer pela primeira vez, seria o ponto de partida para as

mudanças que deveriam acontecer na minha vida. Eu provaria a Ethan que não era aquela pessoa que ele descreveu na noite anterior (GIFFIN, 2011 p. 243).

Aqui, a participação da mulher-esqueleto também foi definitiva e mudou completamente a história de Darcy e Ethan. O que antes seria um relacionamento egoísta e imaturo, agora se tornou uma relação de confiança e estabilidade. Em sua obra, Estés (1999) detalha as primeiras fases do amor, dividindo-a em cinco partes. A divisão é baseada no conto da mulher-esqueleto, sobre um pescador que esperava pegar um peixe grande para se alimentar no inverno, mas cuja rede acaba capturando os ossos de uma mulher que foi assassinada e jogada no mar. A primeira fase do amor é chamada por Estés (1999) de “a descoberta acidental do tesouro”. A autora compara a captura da mulher-esqueleto pelo pescador com as pessoas apaixonadas no início de um relacionamento: todos ficam cegos.

A autora continua afirmando que no começo de uma relação, assim como também são apresentadas nos *chick lits*, as pessoas procuram apenas adrenalina, emoção e diversão. A segunda fase do amor é a “perseguição e a tentativa de se ocultar”. Aqui, a autora fala do esforço em se esconder da mulher-esqueleto para não ter que encará-la. É fase em que o coração bate tanto por amor quanto por pavor. Rachel experimentou isso quando fez sexo com noivo de sua melhor amiga e tentou evitar que as coisas mudassem entre eles, chamando o fato de “incidente”:

Vou fingir que nada aconteceu. Minha transgressão foi tão grande que não tenho escolha, a não ser desejar que toda a coisa desapareça. E, continuando com os negócios de sempre, abraçando minha rotina das manhãs de segunda-feira, é isso que pretendo fazer [...] Cada parte da minha rotina me leva um passo mais longe de Dex e do Incidente (GIFFIN, 2005 p. 36).

A terceira fase do amor é chamada “desembaraçando o esqueleto”. Aqui, a pessoa deve mostrar ser capaz de entrar em um mundo complexo:

Nos contos de fadas, soltar a faixa, desfazer o nó, desamarrar e desenredar representam começar a entender algo, a entender suas aplicações e usos, a se tornar um mago, uma alma sábia (ESTÉS, 1999 p. 187).

A autora compara a fase ao momento no qual o pescador começa a desalinhar a mulher-esqueleto, tendo a noção de que ela é o ciclo da vida-morte-vida. E nesse movimento as pessoas adquirem a capacidade de compreender mais facilmente o relacionamento, observando suas fases. Quem consegue tal fato, aprende a ter paciência e esperar, além de não ter mais medo de se relacionar com o desconhecido, com o que não é belo. É nessa fase que a pessoa está pronta para amar.

A quarta fase do amor descrito por Estés (1999) é a do “sono da confiança”, no sentido do retorno à inocência inicial de um relacionamento. Não à ilusão ou expectativas, mas ao estado de doçura. Em *Presentes da Vida* (2011), Darcy vive um momento no qual sente essa necessidade de mergulhar em direção à verdade do que sente por Ethan. Decide terminar seu relacionamento com Geoffrey, abdicar de uma vida supérflua e assim ser fiel a si mesma. Prefere, como diz Estés, “a confiança na existência de um significado mais profundo em todas as coisas” (1999, p. 194).

Mas eu sabia, bem no fundo, que não tinha nada a ver com isso. Pela primeira vez na minha vida, eu estava realmente amando uma pessoa. Não tinha nada a ver com o que Ethan poderia me dar ou se faríamos um belo casal. Tinha a ver apenas com Ethan. Com o bom, sutil, adorável, intenso, esperto e inteligente Ethan (GIFFIN, 2011, p 345-346).

A quinta fase do amor é chamada de “a doação da lágrima”. Quando se chega a este ponto do relacionamento com o parceiro e com a mulher-esqueleto, a lágrima escorrida expressa todo o amor por si e pelo outro. Em *O Noivo da Minha Melhor Amiga* (2005), Rachel chorou por diversos motivos, mas o que levou o leitor a conhecer sua dor por estar envolvida com Dex foi quando ela recebeu o convite de casamento dele com sua melhor amiga, Darcy:

Não consigo entender quase nada, mas ouço as palavras “para sempre”. Ele quer ficar comigo para sempre, penso. Ele não vai se casar com Darcy. Ele não pode. Ela o traiu. Eles não estão apaixonados. Ele me ama. Enquanto fazemos amor, minhas lágrimas molham o travesseiro (GIFFIN, 2005 p. 268).

Ainda existe a fase posterior do amor, chamada de “coração como tambor e o canto para criar a vida”, comparação criada por Estés pelas batidas fortes que ambos possuem. Quando a mulher-esqueleto toca no coração do pescador e ouve seus batimentos, ela volta à vida.

A história contém uma promessa: permita que a Mulher-esqueleto se torne mais palpável na sua vida, e ela em troca engrandecerá sua vida. Quando a libertamos do seu estado emaranhado e confuso e a percebemos como uma mestra e amante, ela passa a ser uma aliada e uma parceira (ESTÉS, 1999 p. 201).

Segundo Estés, esta fase também permite ao homem ter uma vida mais plena, ao conectar-se com o poder feminino. Nas obras de Emily Giffin, Dex se permitiu amar a melhor amiga de sua noiva e cancelar seu casamento. Ethan deixou Darcy, grávida, transformar completamente sua vida indo morar com ele em Londres. O arquétipo reforça as

características de príncipes encantados contemporâneos, pois entenderam a natureza dual de suas mulheres.

A mulher amorosa

Depois de reconhecer o amor que sentia por Dex, Rachel se encaixa no perfil de mulher amorosa (Beauvoir, 1967): tem o amor como religião, pois acreditam que amando serão salvas, aceitam o destino feminino tradicional de ter uma família ou permaneceram na solidão e esperam encontrar no amante uma testemunha para a vida inteira.

A mulher amorosa se sente glorificada pelo homem, que a vê como um presente dado a ele. E esse amor exige da mulher uma passividade, uma alienação profunda. Quando acolhe o homem que ama, a mulher é preenchida com satisfação e felicidade, como se aquele amor fosse divino. Percebe-se a renúncia quando a protagonista de Emily Giffin adia repetidamente a definição de seu relacionamento com Dex, justificando que não se termina um noivado de tantos anos imediatamente.

Beauvoir assegura que o maior presente que um homem pode dar a uma mulher amorosa é reconhecê-la como sua amada:

(...) quando ele diz "nós" ela é associada a êle e com êle se identifica, partilha-lhe o prestígio e com ele reina sobre o resto do mundo; não cansa de repeti-lo — ainda que abusivamente — esse "nós" saboroso (BEAUVOIR, 1967 p. 422).

Esta sensação de pertencimento faz a amorosa apreciar cada momento da vida, acreditando ser a criatura mais amada do universo. Amar se transforma em glória:

Eu realmente amo o Dex. Eu o amei desde o começo, desde os tempos da faculdade, quando acreditei que ele não fazia o meu tipo. Eu o amo pela inteligência, pela sensibilidade, pela coragem. Eu o amo completa e incondicionalmente, sem reservas. Eu o amo o suficiente para me arriscar. Eu o amo o suficiente para sacrificar uma amizade. Eu o amo o suficiente para aceitar minha própria felicidade e com ela fazê-lo feliz também (GIFFIN, 2005 p. 346).

As obras literárias perpetuam esse modelo de maneira a estimular a ideia de que a mulher encontra no amor a redenção e solução para seus problemas. Os *chick lits*, ao adotarem essa fórmula, terminam provocando empatia junto ao público feminino, o que parece influenciar em seu sucesso.

A obsessão pelo amor

O amor é uma das vertentes pontuadas por Morin (2005), usadas como estratégia para alavancar a venda dos produtos feitos pela indústria cultural. Antes do surgimento da cultura de massa, o tema se esgotava no conflito entre o marido, o amante e a mulher, e o amor era retratado como se fosse um jogo, cheio de armadilhas tradicionais como a disparidade social, vilania, traições, gravidez ilegítima, ciúmes e mal entendidos. Com a chegada da indústria cultural, esses temas perdem espaço para outros mais dramáticos e trágicos, nos quais o amor é o sentimento essencial. “O amor decantado, fotografado, filmado, entrevistado, falsificado, desvendado, saciado, evidente. É porque ele é o tema central da felicidade moderna” (MORIN, 2005 p. 131).

A cultura de massa torna o amor uma obsessão. Tudo gira em torno do sentimento: peças, filmes e a própria imprensa, que começa a valorizar as relações amorosas de grandes celebridades como Brigitte Bardot, Marilyn Monroe e Liz Taylor.

Morin (2005) afirma que o amor cortês não ousava passar a barreira sexual; o romântico, falava do amor fora do casamento, um amor arrebatador e incansável, e o amor imaginário deixou de ser integrado (pertencente a uma família) e desintegrado (cuja única saída é a morte), para ser integrador. Ou seja, ele envolve valores contraditórios: a mulher protagoniza como companheira, amiga, amante, mulher-mãe, mulher-criança e alma gêmea, enquanto o homem aparece como uma figura frágil e forte, protetor e protegido.

O autor ainda avalia as produções cinematográficas das quais a narrativa traz homens e mulheres que se conhecem por acaso e se sentem ligados por um amor absoluto, que se transforma em algo sobrenatural, intenso e verdadeiro, dando sentido à vida dos protagonistas. A cultura de massa propõe um amor de natureza dupla:

(...) é profundamente mitológico, porque supera todos os conflitos, escamoteia o incesto, a sexualidade e a morte. É profundamente realista, porque corresponde às realidades vividas do amor moderno: de fato, o amor do casal tende a se tornar o fundamento do casamento; de fato, a virgindade foi desvalorizada; de fato, a maldição que se abatia sobre a sexualidade foi aliviada e efetuam-se osmoses entre o amor espiritual e o amor sexual; de fato, às barreiras de classe, de raça, de família opõem-se uma resistência enfraquecida ao amor; de fato, o amor se torna um valor cada vez mais central da existência (MORIN, 2005 p.135-136).

Os *chick lits* tem, geralmente, o amor como base e direcionamento de suas histórias. Em *O Noivo da Minha Melhor Amiga* (2005), Rachel enfrenta dificuldades quando se descobre apaixonada por Dex e toda a história gira ao redor do dilema da protagonista.

Ele me ama. Eu o amo. O que mais existe? Ele certamente não vai se casar com Darcy. Eles não podem ser felizes para sempre. Busco minha voz e consigo dizer aquelas três palavras de volta para ele. Palavras que eu não disse por um longo, longo tempo. Palavras que não significavam nada até agora (GIFFIN, 2005 p. 202).

Em *Presentes da Vida* (2011), a história foca nas mudanças de comportamento de Darcy. A ênfase é sobre o motivo da mudança: o amor de Darcy por Ethan:

- Você tem um cheiro quase cítrico. Doce, mas não muito doce.

A expressão dele removeu o meu último vestígio de dúvida. Eu tinha certeza agora: Ethan me amava assim como eu o amava. Eu sorri, me sentindo tonta e quase sem ar quando ele entrelaçou os seus dedos nos meus. Nós tínhamos dado as mãos muitas vezes antes, mas, dessa vez, era diferente. Era o início de algo muito maior. Como eu imaginei que aconteceria, Ethan me puxou para perto dele, fechou os olhos, colocou o rosto no meu pescoço e senti o meu cheiro.

- Sim. Você tem um cheiro de laranja – ele sussurrou. – Uma laranja que você encontra no armário na manhã de Natal (GIFFIN, 2011 p. 377-378).

Portanto, o amor na cultura de massa é uma mistura do real com o imaginário, fornecendo às pessoas arquétipos baseados nessa combinação. Morin (2005) faz a análise baseando-se em filmes, mas ela aplica-se perfeitamente aos *chick lits*: existe um circuito entre a vida e a literatura, no qual o amor encontra seus modelos, guias e exemplos. E todos eles dão forma e movimento ao chamado amor moderno.

E viveram felizes para sempre...

O final feliz é algo imprescindível nos contos de fadas tradicionais. Edgar Morin (2005) fala sobre o destino do chamado herói simpático, ou seja, o herói que está ligado identificativamente ao espectador. O público torce por um *happy end*:

O *happy end* é a felicidade dos heróis simpáticos, adquirida de modo quase providencial, depois de provas que, normalmente, deveriam conduzir a um fracasso ou uma saída trágica (MORIN, 2005 p. 92).

O trecho destacado sugere que o herói poderia ter um final dramático, triste ou até mesmo trágico. Porém, como ele conquista a empatia das pessoas, o protagonista tem seus problemas solucionados e seu tão esperado final feliz. No caso de Rachel em *O Noivo da Minha Melhor Amiga* (2005), um dos prováveis finais seria se Dex realmente casasse com Darcy, deixando a heroína triste e sozinha. Mas Rachel cativou desde o início o leitor, com uma personalidade que a fez merecer uma história com um bom desfecho.

O *happy end* surgiu na cultura de massa em contraponto às famosas tragédias gregas, aos dramas elizabetanos, tragédias francesas e aos romances fatais. O final feliz arremata a maior parte da produção cinematográfica, aparecendo com menos frequência nos filmes indianos, egípcios e latino-americanos. Nos filmes aderentes ao *happy end*, o herói sofre com as maldades do vilão, sejam elas físicas ou morais, supera riscos e atravessa obstáculos. E termina com o protagonista acompanhado de um amor, dinheiro e poder, enquanto sua felicidade durará para sempre.

Morin (2005) lista níveis de *happy end*, da felicidade total até a esperança por essa felicidade. Raras são às vezes em que o herói morre. Se isto acontece, significa que ele lutou bastante e merece a glória e o descanso eterno, por ter dado a sua vida em troca de um bem maior. O autor enfatiza a identificação do público com o protagonista, tornando-o seu alter-ego. O espectador se coloca no lugar do herói, imagina-se passando por todas as situações e não suporta um final se não o feliz. É como se o personagem fracassasse na história, o espectador também não pudesse sair vitorioso. Ele precisa dessa afirmação de felicidade por parte da cultura de massa, de maneira a acreditar que o sucesso é algo possível de ser alcançado.

O happy end introduz o fim providencial dos contos de fadas no realismo moderno, mas concentrado num momento de êxito ou finalização. O velho conto terminava com a continuidade pacífica “eles foram felizes e tiveram muitos filhos”. O *happy end* eterniza um beijo que exalta um fortíssimo musical. Aniquila passado e futuro no absoluto do instante supremo (MORIN, 2005 p. 94).

Constante nos finais cinematográficos, o *happy end* é intrínseco aos *chick lits*. No final de *Presentes da Vida* (2011), as heroínas superam suas diferenças e retomam a amizade, em nome do amor verdadeiro. O leitor, enxergando-se em Rachel ou Darcy pode ter a certeza de que tudo pode dar certo, existe uma segunda chance. A narrativa acaba justamente com um brinde de Rachel aos noivos Darcy e Ethan:

- Nada me faria mais orgulhosa e feliz do que estar aqui para testemunhar o casamento de dois dos meus melhores amigos – ela começa, olhando para um pequeno cartão e depois para as pessoas que estavam ao redor. – Eu conheço Darcy e Ethan desde sempre, há muito tempo, e sei que são pessoas maravilhosas. Eu também sei que eles são melhores ainda juntos – ela faz uma pausa, seus olhos se voltaram para Ethan e depois para mim. – Eu acho que esse é o poder do amor verdadeiro e da amizade verdadeira... Acho que esse casamento mostra tudo isso – ela levanta sua taça, sorri e diz: - Então, para Ethan e Darcy, amor verdadeiro e amizade verdadeira (GIFFIN, 2011, p. 383).

O *happy end* é reforçado por uma reflexão de Darcy. Se o livro fosse transformado em um filme, certamente neste momento subiria uma trilha sonora comovente:

Enquanto todos aplaudem e bebem champanhe, eu sorrio para Rachel, pensando que ela havia dito a coisa certa. Amor e amizade. São eles que nos fazem ser quem somos e podem nos mudar, se deixarmos (GIFFIN, 2011 p. 383).

A autora Emily Giffin postou em seu facebook uma foto do filme *O Noivo da Minha Melhor Amiga* na qual Rachel (Ginnifer Goodwin) e Dex (Colin Egglesfield) estão se beijando, confirmando o *happy end* do casal:

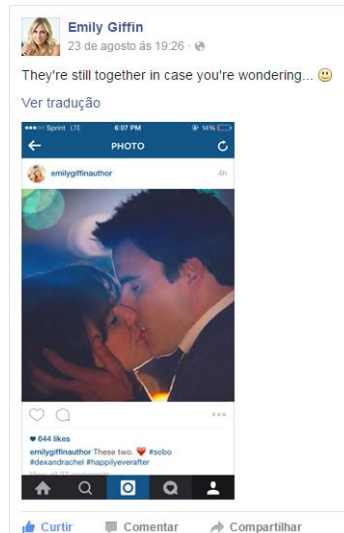


Figura 3⁵: Post de Emily Giffin Fonte: Facebook

É impossível deixar de comentar que, assim como nos tradicionais contos de fadas, eles viveram felizes para sempre.

Considerações Finais

Com narrativas incluindo mocinhos que são como príncipes encantados irresistíveis, protagonistas confusas e histórias de sucesso entre o público, principalmente o jovem, os *chick lits* ainda seguem o modelo dos contos de fadas tradicionais e tem o amor como personagem central da trama. Por mais que suas mocinhas sejam bem-sucedidas e tenham muitos amigos, elas precisam do ingrediente mais antigo para atingir a felicidade: o amor.

⁵ Eles continuam juntos caso você esteja se perguntando. – Tradução do autor.

Desde os tempos de Jane Austen é possível notar que as histórias são permeadas por esse sentimento considerado mágico e absoluto. A fórmula, usada repetidamente, ainda causa comoção entre as leitoras, traz os mocinhos como príncipes encantados contemporâneos e deixa no ar a sensação de que as decisões sempre estarão certas se a pessoa seguir seu coração.

Em 1996, Helen Fielding lançou o aclamado O Diário de Bridget Jones e chamou mais ainda a atenção da indústria cultural, que se aproveitou o uso do amor romântico para vender as histórias, obtendo êxito. As obras O Noivo da Minha Melhor Amiga e Presentes da Vida não fogem desse sentimento e também tem o amor como norteador da narrativa. Todas as ações das personagens são permeadas pelo amor que sentem pelos mocinhos da história, Rachel por Dex e Darcy por Ethan. No final, o amor tem o poder de transformar as pessoas. Assim, até hoje é percebida uma tendência sobre alguns aspectos pontuados pela cultura de massa, como a leveza, o humor e a incessante procura pelo homem perfeito. E, desta maneira, o encontro com o final feliz, o final merecido para os heróis e heroínas apaixonadas.

Referências

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. 5ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo II – A Experiência Vivida**. 2ªed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres Que Correm Com Os Lobos**. 12ªed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

GIFFIN, Emily. **O Noivo da Minha Melhor Amiga**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. **Presentes da Vida**. São Paulo: Novo Conceito, 2011.

HARZEWSKI, Stephanie. **Chick Lit and Postfeminism**. Estados Unidos: Virginia University, 2011.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: espírito do tempo – Volume I – Neurose**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

STEFFENS, Juliana. **Lost in Chick Lit**. Disponível em:<http://www.lostinchicklit.com.br/p/o-que-e-chick-lit.html>